

390

DEP. LEG.

J. A. PIRES DE LIMA

SA
155083

O Prof. Alberto de Aguiar e um seu discípulo ignorado



/

P. 184819

SEPARATA DO

Jornal de Médico

XV (365) 164, 1950

Há tempos, foi publicada uma longa biografia do Professor Alberto de Aguiar, na qual figuravam os seus discípulos mais notáveis.

Não estranhei que o meu nome humilde faltasse na lista dos alunos mais ilustres do insigne Mestre da Química Médica.

Na minha longa carreira científica e pedagógica afastei-me inteiramente das especialidades do Dr. Aguiar.

Não tinha, pois, o direito de figurar na lista dos seus discípulos mais notáveis.

Mas fui seu aluno aplicado, sempre o estimei e respeitei, recebendo dele provas de grande carinho.

Perdoe-se-me, pois, que venha, ainda agora, prestar-lhe uma homenagem muito humilde, mas muito sincera, contando as relações que tive com ele.

Fui seu aluno na cadeira de Patologia Geral da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, pouco depois do seu brilhante concurso.

Ele era, então, um Mestre extremamente severo, e exigentíssimo, mais para ele do que para os alunos. Além das três lições semanais de Patologia Geral, dava mais, uma semanal, extraordinária, de Bacteriologia e ainda fazia, de manhã, no Hospital, um curso prático de Propedêutica Médica.

No fim do ano (1901), o Professor Aguiar galardoava-me com um *1.º Accessit* na cadeira de Patologia Geral.



Não contente com isso, convidou-me a fazer concurso de provas práticas para o Prémio, criado por ele, no Laboratório Nobre, com o nome de Câmara Pestana.

Tive eu a honra de obter o prémio pecuniário de vinte mil reis, com os quais me lembro de ter mandado fazer um sobretudo de excelente fazenda inglesa, com o qual me resguardei do frio durante alguns invernos.

Nomeou-me também aluno interno do Laboratório Nobre, instalado então numa trapeira do Hospital de Santo António, junto do Observatório Meteorológico, o primeiro que se instalara em Portugal.

Todos os dias, pois, durante alguns anos, ia passar algumas horas ao Laboratório Nobre, onde o Doutor Aguiar me encarregou de olhar pela rica colecção de bactérias patológicas, que eu ia passando, à medida que os caldos de cultura iam sendo consumidos pelos micróbios.

Lembro-me bem dum facto curiosíssimo que toda gente observava. De vez em quando, as culturas microbianas eram atacadas por colónias de fungos, que punham em perigo os micróbios patogénicos da colecção.

Esse fenómeno, que toda a gente via, foi um dia observado por um homem de génio, que assim descobriu os antibióticos...

Os médicos daquele tempo não acreditavam em micróbios nem no valor semiológico dos laboratórios. Para fazer diagnósticos, bastava saber-mos servir do estetoscópio...

Um dia, passava eu pelo corredor do Hospital com uma série de tubos de ensaio para proceder a certas reacções.

Ao passar por um categorizado especialista, ele

dirigiu-se a mim com grande troça, fazendo-me a seguinte pergunta: «Então você também é tubista?»

Queria dizer na sua que eu também me preocupava com ninharias de laboratório...

Efectivamente, na minha longa carreira científica e docente, afastei-me da orientação que recebi do Professor Aguiar, e dediquei-me especialmente à Anatomia, à Antropologia, à Teratologia e à Etnologia.

Mas nunca esqueci as excelentes lições do Professor Aguiar, que me tratou com especial carinho na festa que fez no seu laboratório da Rua da Restauração, em 1922, quando inaugurou o belo friso de azulejos com os retratos dos Professores da Faculdade de Medicina do Porto.

Não faltou quem reconhecesse que alguma coisa luerei com os ensinamentos que recebi do grande Professor.

Foi talvez por isso que o meu insigne amigo Prof. Froilano de Melo me dedicou duas espécies novas: o *Atelo-saccharomyces Limae* (1917) e o *Microfilarium Limae* (*Indian Academy of Sciences*, 1937).

Não esquecerei também que o Prof. Alberto de Aguiar me encarregou em 1916 de estudar uma ténia que fora expelida por uma criança de cinco meses (*Portugal Médico*, 1916). O caso vem também relatado pelo Prof. Aguiar na «Revista de Semiótica Laboratorial» do mesmo ano, por López Neyra no Congresso da Associação para o Progresso das Ciências — Salamanca 1924, por Isaura Pais na sua tese de doutoramento, Lisboa 1916, e por Cruz Ferreira, «Medicina Contemporânea», 15-II 942.

Todos os factos que menciono neste artigo já tinham sido mencionados no meu livro «No limite de



idade», que publiquei e distribui largamente ao fazer 70 anos, a 7 de Março de 1947.

De novo, apenas posso acrescentar a referência que fez ao meu antigo trabalho o Professor C. R. López Neyra, na sua obra exaustiva «Helmintos de los Vertebrados Ibéricos» Granada, 1947.

No número 814 da sua completa bibliografia hispano-lusa sobre o assunto, cita o grande parasitologista López Neyra o meu velho e esquecido trabalho: «814. Pires de Lima, J. A. 1916—Ténia numa criança de cinco meses (*Portugal Médico*, T. X, Pág. 309). É um caso de *Dipylidium caninum* L. numa menina de cinco meses, do Porto.

Aproveito o ensejo para dedicar este humilde trabalho à memória do grande Professor e meu Amigo Alberto de Aguiar.

1950
COSTA CARREGAL
PORTO

SEP. — 624